

UNIT  
939

P.130

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

ARAÇUAÍ - MI. GERAIS



MEB  
MOVIMENTO  
DE EDUCAÇÃO  
DE BASE

## DOCUMENTOS DE ESTUDO

estes documentos apresentam temas de estudos, muitos deles ainda em fase de elaboração, necessitando discussão e aprofundamento. por isto, são de exclusivo uso interno do meb.

a equipe técnica nacional espera receber observações, críticas e sugestões que a ajudem neste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLURALISMO

maria de lourdes fávero

Brasil é um país em vias de desenvolvimento, vivendo, atualmente, um acelerado processo de transformação. As relações entre seus habitantes se fazem de maneira muito diversificada. Diversos, ainda, são os planos e projetos para a construção de um novo tipo de sociedade brasileira. Cada vez mais, aprofundam-se os choques entre as várias classes sociais, entre os vários grupos culturais e políticos, trazendo à tona profundas divergências ideológicas.

Sabemos que a construção de um novo tipo de sociedade, de uma sociedade humana, dependerá da compreensão e da colaboração de todos os homens, de diferentes comunidades, das diferentes religiões, dos diversos grupos étnicos ou ideológicos.

A compreensão dos princípios existentes na base da colaboração, dentro da sociedade humana, depende muito da aceitação do seguinte fato: a sociedade humana, não do inteiro, é uma sociedade em que os homens, diferindo entre si por crenças, ideologias, idéias políticas, raça, meio social e cultural, vivem juntos e devem esforçar-se numa colaboração harmoniosa" (1). Partindo desta colocação, que se pode tomar como conceito de pluralismo, faremos uma análise do que são realmente as diversas formas de pluralismo e se elas existem, como no Brasil.

M E B

MOVIMENTO  
DE EDUCAÇÃO  
DE BASE

DOCUMENTOS DE ESTUDO

Estes documentos apresentam temas de estudos, muitos deles ainda em fase de elaboração, necessitando discussão e aprofundamento. Por isto, são de exclusivo uso interno do meb.

A equipe técnica nacional espera receber observações, críticas e sugestões que a ajudem neste trabalho.

MEB  
BIBLIOTECA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLURALISMO

maria de lourdes fávora

Rio de Janeiro: MEB, s.d. 9p. mimeo  
(Documentos de estudo)

O Brasil é um país em vias de desenvolvimento, vivendo, atualmente, um aceleração do processo de transformação. As relações entre seus habitantes se fazem de maneira muito diversificada. Diversos, ainda, são os planos e projetos para a construção de um novo tipo de sociedade brasileira. Cada vez mais, aprofundam-se os choques entre as várias classes sociais, entre os vários grupos culturais e políticos, trazendo à tona profundas divergências ideológicas.

Ora, sabemos que a construção de um novo tipo de sociedade, de uma sociedade mais humana, dependerá da compreensão e da colaboração de todos os homens, das diferentes comunidades, das diferentes religiões, dos diversos grupos étnicos ou ideológicos.

"A compreensão dos princípios existentes na base da colaboração, dentro da liberdade, depende muito da aceitação do seguinte fato: a sociedade humana, no mundo inteiro, é uma sociedade em que os homens, diferindo entre si por crenças, ideologias, idéias políticas, raça, meio social e cultural, vivem juntos e devem esforçar-se numa colaboração harmoniosa" (1). Partindo desta colocação, que se pode tomar como conceito de pluralismo, faremos uma análise do que são realmente as diversas formas de pluralismo e se elas existem, como tal, no Brasil.

A população brasileira é constituída por elementos de grupos étnicos e de nacionalidades as mais diversas. É formada por elementos vindos da Ásia, África, Europa e por ameríndios. Isso existirá sempre, principalmente, se levarmos em conta o fenômeno da imigração, fenômeno esse que tem influências mais marcantes no sul do país. As outras regiões se caracterizam mais pela presença dos elementos luso-africanos e, em certas áreas, do indígena. Ver, por exemplo, a população do Amazonas e da Bahia.

Diante disso, pode-se dizer que, no Brasil, uma das formas de pluralismo existente é o pluralismo étnico. Surgiu desde os tempos do Brasil Colônia e é a mais evidente. Teve sua origem na própria formação étnica do país e se acentua cada vez mais, com a vinda de imigrantes de várias nacionalidades, portadores de culturas diversas. Trazem hábitos, costumes e modos de viver que devem ser respeitados, mesmo quando o grupo imigrante constitui uma minoria na comunidade.

Poder-se-ia perguntar, então: em que se baseiam os direitos de grupos de nacionalidades e de etnias diferentes que coexistem em uma mesma sociedade? A resposta pode ser encontrada na própria lei natural. Há direitos que todos os homens possuem, que decorrem da própria vida, em sociedade ou comunidade.

\* O primeiro deles consiste no respeito pela própria pessoa humana. Este princípio, diz João XXIII, na *Pacem in terris*, é o reconhecimento da pessoa na sua dignidade e nos seus direitos e deveres. Seja ela quem for, toda pessoa, tem direitos que são universais, invioláveis e inalienáveis (2). Isso independe de sexo, cor, língua, nacionalidade, porque todos os homens são iguais em dignidade e liberdade.

Segundo Sto. Tomás, "a pessoa é o que há de mais nobre e perfeito em toda a natureza" (3). "Se contemplarmos sua dignidade à luz das verdades reveladas, não se poderá deixar de tê-la em estima incomparavelmente maior. Pois, se trata, com efeito, de pessoas remidas pelo Sangue de Cristo" (4).

\* Por causa de suas perfeições e limitações, o homem precisa viver em sociedade. É uma exigência humana que deriva da própria essência da pessoa. Comunificando-se com os outros, o homem toma conhecimento de si e dá um sentido à comunidade. Todavia, "a pessoa constitui, também, um inviolável mistério. Ela se pertence e, por isso, é parte de uma liberdade igualmente inviolável, autônoma, fechada em sua intimidade. É realmente senhora e medida de seus atos. Isso constitui o elemento transparente e dominador de sua liberdade - que é consciência e posse de si" (5).

\* Partindo da colocação desses princípios que são fundamentais, conclui-se que é preciso criar condições para que todos os homens e cada homem em particular, viva como pessoa, independente de sua nacionalidade ou raça. Falando dos direitos da pessoa, o grande Papa da Paz diz: "cada homem tem o direito de estabelecer ou mudar de domicílio dentro da comunidade, assim como de transferir-se a outras comunidades e nelas domiciliar-se. Por ser alguém cidadão de um determinado país, não se lhe tolhe o direito de ser membro da

\* família humana ou cidadão da comunidade mundial, que consiste na união de todos os seres humanos, entre si" (6). É aceitando todos os homens como pessoa, descobrindo nêles valores que devem ser somados e jamais divididos, que realizaremos nossa tarefa de construtores do Mundo e da História.

#### PLURALISMO CULTURAL

O pluralismo cultural, no Brasil, sobretudo nas grandes cidades como São Paulo e nas zonas de colonização do sul, é um fato. Encontramos grupos que vivem tôdas as tradições dos seus países, sua história e falam a língua de sua nacionalidade. Alguns dêsses grupos mantêm colégios, cinemas, jornais.. para melhor atender a seus patrícios e conseguirem manter e transmitir aos filhos seus costumes, tradições, língua etc. Evidentemente, êsses fatos podem criar problemas. Mas ninguém pode impedi-los de viver suas tradições, assim como de terem escolas especiais para os filhos, desde que isso não venha a prejudicar o bem comum da sociedade e a integração nacional.

Esta situação de um mundo pluralista é, para nós, uma realidade. Antes de ficarmos apenas lamentando ou simplesmente constatando os fatos, temos o dever de trabalhar para que todos êsses grupos não se fechem em si mesmos, não constituam quistos, ou, se quisermos usar a terminologia de Rahner, verdadeiros "ghettos" na sociedade.

O importante é que se procure conhecer o que constitui a alma profunda de cada povo, que se conheçam suas riquezas culturais escondidas, que poderiam, colocadas em comum, ser um enriquecimento para todos. Seria bom que, aos poucos, em tôda e qualquer sociedade culturalmente pluralista, se processasse um ajustamento progressivo. "Este ajustamento poderá levar à fusão ou à assimilação. Na fusão, a aproximação de dois sistemas autônomos é mais ou menos mútua, se bem que, provavelmente, nunca de modo perfeito. O outro tipo de ajustamento progressivo é a assimilação de um grupo pelo outro" (7). Segundo Ralph Linton, a impossibilidade de suas culturas em contato perderem, completamente, sua autonomia é o que se pode chamar de pluralismo estabilizado. Êsse tipo de pluralismo se caracteriza por uma certa acomodação, ou adequação passiva. No Brasil, temos um exemplo bem típico: a escravatura. Havia, a grosso modo, um ajustamento dos escravos, mas um ajustamento institucionalizado. Com efeito, pode-se dizer que, em uma sociedade culturalmente pluralista, a primeira mudança que se deve processar é que os homens dialoguem em vez de apenas coexistirem lado a lado. Nosso século descobriu o espaço interplanetário, mas apenas aflorou o espaço que separa os homens entre si. Nosso século descobriu a energia nuclear, mas falta-lhe descobrir a energia criadora da paz e da concórdia, encerrada em um ato de compreensão (8).

#### PLURALISMO RELIGIOSO

Antes de analisarmos, brevemente, o que caracteriza o pluralismo religioso no mundo atual, convém dizer uma palavra sobre as diferentes fases da Igreja no decorrer da História.

## 1ª fase: A Igreja primitiva.

Esta fase é marcada profundamente pelo aspecto transcendental. É a época das perseguições e dos martírios. A Igreja é caracterizada por dois traços:

- a. "não se considera investida do encargo de organizar cristamente o temporal;
- b. o clero não tinha uma posição sociológica dentro de uma classe social, participava, ativamente, apenas, das funções sagradas de uma Igreja inteiramente voltada para o Reino celeste" (9).

O caráter esotológico marcou, de fato, essa primeira fase da Igreja: os cristãos não se ocupavam com a construção da cidade terrena, porque viviam em função da segunda vinda de Cristo.

## 2ª fase: A Igreja constantina e post-constantina.

Com a queda do Império Romano houve uma mudança profunda nas relações concretas da Igreja com a sociedade humana. Os cristãos e a Igreja não eram mais perseguidos. A Igreja começou a ter liberdade de se expressar e, de certo modo, o cristianismo tornou-se a religião oficial.

Nessa fase processou-se, também, a desintegração do Império Romano. Grandes transformações se sucederam a partir da invasão dos bárbaros. A hierarquia e as ordens monásticas desempenharam, do ponto-de-vista histórico, um papel supletivo de grande importância, mas que caberia muito mais à sociedade temporal. Foi à sombra das catedrais e dos mosteiros que se plasmou a sociedade medieval. Pode-se dizer que o papel da Igreja, historicamente falando, foi, na Idade Média, de grande alcance, e deixou profundas marcas até os nossos dias. Essa fase foi iniciada por Constantino e é chamada de cristandade; entendemos por cristandade a identificação da Igreja com um projeto histórico qualquer, ou a identificação da Igreja com uma sociedade temporal.

No período da cristandade houve uma encarnação do transcendente no temporal mas uma encarnação inautêntica. Nela se processou, como vimos, uma espécie de simbiose ou de união entre a Igreja e a Sociedade, de tal modo que, na época carolíngia, a palavra Igreja significava o mesmo que, para nós, hoje, significa uma sociedade temporal. Nesta sociedade, o Imperador, sobretudo Carlos Magno, era considerado chefe. Assim, ele mesmo se denominava, e era chamado pelos bispos, "Cabeça da Igreja", "Caput Ecclesiae", "Rector Ecclesiae", "Rector Fidelium". Donde se vê que o temporal e a Igreja constituíam uma única Cidade - a Cidade terrena, a Cidade temporal (10).

"Uma outra característica da época da cristandade era que a influência da Igreja sobre o temporal era confiada inteiramente ao cuidado dos príncipes. Eles eram os leigos, com os quais a Igreja contava para realizar sua missão no temporal" (11).

Nessa fase, a Igreja e o temporal disputam e querem ocupar o mesmo lugar na cidade terrestre. Isso teve e tem uma expressão na História, e é o que hoje, comumente, se denomina de "Sacro Imperium". Essa fusão da Igreja com o tem-

... certo sentido pode ser considerada como uma heresia. Como, também, um grande erro querer identificar a Igreja com uma determinada projeção histórica.

Como crítica a êsse período da cristandade, várias ruturas se processaram, dando-se, aos poucos, uma laicização progressiva na vida cultural, política, social etc. Os leigos começam a tomar consciência de seu papel no temporal e protestam contra os privilégios da hierarquia e do clero, sobretudo por êles ocuparem seus lugares na cidade terrena e quererem, de certa forma, clericalizar o mundo. Segundo o Pe. Congar, "os padres não têm um verdadeiro engajamento temporal; têm-no apenas, de modo acidental e transitório, uma vez que êles estão diretamente e exclusivamente ao serviço do Reino" (12).

Mas, voltando à fase da cristandade, pode-se dizer que tôdas aquelas ruturas e heresias, culminaram com a Reforma Protestante no século XVI, ou seja, em 1517. Deu-se, também, uma laicização no pensamento, surgindo, então, o Renascimento. Apareceu um mundo novo: leigo, independente de toda influência da Igreja. Um mundo guiado unicamente pela Razão, pela Ciência e pela Técnica (13).

Com efeito, pode-se dizer que tôdas essas ruturas surgiram como reações à Igreja e, assim, Ela viveu êste séculos até o nosso. Neste momento de Concílio, achamos que a Igreja pode encontrar uma síntese entre o Espiritual e o Temporal. Não uma síntese como ela chegou a fazer na Idade Média, e de que até hoje sofremos as conseqüências, Mas uma síntese que, para nós, consistiria em atingir um certo equilíbrio entre transcendência e encarnação.

3ª fase: A Igreja procura um verdadeiro equilíbrio entre sua transcendência e sua encarnação.

Nesta fase, apesar de a Igreja hierárquica assumir a comunidade dos homens, cabe ao leigo, "que é também a Igreja" (Pio XII), fazer sua opção e ninguém poderá fazer por êle. Vivemos em uma época em que os cristãos (quando digo cristãos, aqui, me refiro aos verdadeiros cristãos) são uma minoria. "Êles não podem considerar sua Igreja como autosuficiente no domínio da vida temporal, cultural e social; sua Igreja não é uma teocracia dêste mundo. Ela não pode além disto, considerar os não-cristãos como os não-chamados, nem se servir de meios intempestivos ou injustos para suprimir a situação exigida pela História da Salvação, segundo a qual há, atualmente, cristãos que devem viver no meio de não-cristãos. Sua vida deve ser orientada francamente para os não-cristãos" (14).

Partindo dêsse fato é que se coloca o problema do pluralismo religioso. É óbvio que essa forma de pluralismo constitui para o Brasil um fato, como constitui também um fato para o mundo inteiro.

Paulo VI, no discurso de abertura da segunda Sessão do Concílio Vaticano II, diz que "a convocação dêsse Concílio já tende para uma ecumenicidade que ambicionava ser total, universal. Pelo menos em desejo, pelo menos em oração, pelo menos em preparação, hoje em esperança, para que o seja amanhã na realidade. Quer dizer: êste Concílio, ao mesmo tempo que chama, conta e encer-

ra no redil de Cristo, as ovelhas que o compõem é uma partilha, e o diálogo é plano e justo, abre as portas, chama e espera, com humildade, a busca das ovelhas de Cristo que não se encontram ainda no único redil" (16). Em seguida, dirigindo-se aos observadores de outras confissões cristãs, diz o Papa: "Se a culpa nos pudesse ser imputada por tal separação, nós pedimos humildemente perdão a Deus, e pedimos também desculpas aos irmãos que se julgaram ofendidos" (16).

\* Por outro lado, não se pode esquecer que, onde há um valor humano autêntico, há a graça de Cristo, o que é um apelo à Revelação total, ao Mistério da Salvação. Por isso, estamos pecando contra a caridade, quando rechassamos qualquer pessoa, seja ela marxista, atéia, cristã, budista, espírita... Com a Encarnação e Redenção todos foram salvos por Cristo. Incoativamente, todos estão ligados à Igreja. Cabe a nós, cristãos, a instauração dessa Unidade. Esse trabalho não acabará e estará sempre ameaçado, segundo Rahner, enquanto obra humana. Mas como conseguir isso? Só através da oração? É importante, mas não basta. Deus pede mais. Temos que ir ao encontro dos outros, abertos para o diálogo, aceitando sua maneira de pensar, de ver. Insistiremos, aqui, naquele aspecto que já foi colocado anteriormente: só é possível diálogo na base da verdade, da justiça, da caridade e acrescentaremos, agora, também, com um espírito missionário.

Mais uma vez o Papa nos dá uma grande lição, que serve para uma revisão de vida de todos os cristãos: "que o mundo saiba: a Igreja olha para êle (o mundo) com uma profunda compreensão, e com sincero propósito não de o conquistar, mas de o servir; não de o desprezar, mas de o valorizar; não de o condenar, mas de o confortar e salvar" (17).

Terminando esta parte sobre pluralismo religioso, diremos que cada pessoa, por mais distante que esteja da Igreja, tem sempre algo mais que o simples natural, uma alma cristã de fato, anônima, simplesmente em potencial, quem sabe, mas real" (18). Aplicamos, então, neste caso, a tôdas as realidades existentes, aquelas palavras de São Paulo aos atenienses: "isto que vós adorais sem o conhecer, eu quero, eu mesmo, vos anunciar" (19).

#### PLURALISMO IDEOLÓGICO

Entendendo-se por ideologia um conjunto sistematizado de valores, que surge como a expressão histórica de um grupo situado no tempo e no espaço, envolvendo uma compreensão do homem, uma visão do universo e um sentido da história, pode-se dizer que, do ponto-de-vista ideológico, vivemos, hoje, também, em um mundo pluralista.

Esta situação pode trazer problemas que são quase um desafio para aqueles que querem fazer um trabalho de construção do mundo, procurando soluções que melhor possibilitem a convivência dos homens.

Por ser um projeto de ordem temporal, mesmo para os cristãos, não é necessário ser um único para todos. Alguém poderia perguntar: mas, não existe uma ideologia cristã? Diríamos que não, porque não se pode identificar a mensa-

gem cristã, de ordem sobrenatural, iluminando toda a História, com a experiência histórica de um grupo situado. Donde se conclui que é errado se falar em ideologia cristã. O que se exige é que não contencie os princípios cristãos e seja animada pela mensagem do Evangelho.

No contato e no trabalho com pessoas e grupos de ideologias não baseadas nesses princípios ou de inspiração não cristã, o cristão deve ter uma grande abertura, procurando dar o máximo de si e guardando sempre uma atitude de diálogo. Diálogo que só pode existir na base da verdade, da justiça e da caridade. "Hoje, os homens, na maioria das vezes, não se ignoram, mas se desconhecem" (20).

No Brasil, particularmente, devemos estar abertos para esse diálogo não apenas com os cristãos conservadores ou progressistas, mas com qualquer pessoa, seja qual for sua ideologia, sejam quais forem suas tendências. Nunca se pode confundir o erro com a pessoa que erra. Por maior que seja o erro que alguém cometa, não deixa de ser uma pessoa, nem perde nunca a dignidade de ser humano (21).

Ora, como vemos, os projetos históricos, para a construção de um mundo e de um Brasil que devem caminhar para a unidade, são muito diversos. Vivemos, portanto, em uma sociedade cujas relações humanas, cada dia se tornam, talvez, mais complexas. Sem esquecer, também, que, até pouco tempo vivíamos em uma sociedade mais ou menos restrita, mais ou menos fechada. Atualmente, não só as oportunidades de contatos foram ampliadas, mas já não existem fenômenos isolados. Com o desenvolvimento da técnica, com o progresso em geral, os problemas locais passam a ter uma repercussão muito maior, assumindo, às vezes, uma dimensão continental ou internacional.

Por outro lado, não se pode esquecer que, graças ao aparecimento e ao aperfeiçoamento da técnica, o homem se sente muito mais preparado para enfrentar a natureza. Nesse sentido, a ciência e a técnica ajudaram no processo de humanização. Por meio delas o homem transcende e transforma a natureza, superando-a. "É importante notar que a noção de progresso histórico e de progresso individual são intimamente solidárias" (22).

Outra característica do século XX e que, de certa forma, tem contribuído para uma certa tensão, é a consciência que o homem adquire do rápido desenvolvimento, das aceleradas transformações. Consciência, sobretudo, de seu papel como construtor da História. Essa consciência assume uma atualidade cada vez maior e não resta dúvida que marcará, profundamente, o encaminhamento do processo histórico. Cada vez mais o homem percebe que há um sentido da História. Ela se apresenta como um caminho aberto, que deverá ser construído pelo homem. Não tem um sentido determinista. Surge como ação, como trabalho do homem sobre a natureza.

No caso do Brasil, praticamente nós nos encontramos, em um espaço de 60 anos, numa transformação que significa uma mudança total de nosso sistema de vida. Ela exige opções. Opções para as quais não fomos preparados. "Toda esta dimensão nova mundial, toda esta tecnificação, toda esta consciência de nossa responsabilidade no processo histórico, hoje em dia apresenta um ritmo cada vez mais acelerado".

Diante disso, perguntamos: Pelo que optar? Qual o melhor projeto histórico? Como caminhar para uma síntese entre cristianismo e temporal sem cairmos nos erros e falhas da cristandade? Pode-se dizer que estas colocações são fundamentais para o leigo engajado. Trazem dificuldades que não são fáceis de resolver, mas quem poderá fugir a elas? Só a análise crítica da História e das perspectivas para o futuro é que pode dizer o caminho que se deve tomar. Esta análise só tem valor e só pode ser feita com uma atitude adulta e sem nenhuma parcialidade, pois, do contrário, estaríamos mascarando uma realidade, o que não resolveria o problema. Com efeito, êsse caminho, essa linha por que devemos optar, só a História poderá dizer, uma vez que a História não é construída por um só homem, mas por todos os homens e por cada um isoladamente. Donde se conclui que, só em um trabalho de união de forças e colaboração conjunta, é que se pode realmente construir o mundo.

"A idéia de uma História dirigida de um comêço até o fim, ou de um movimento indefinido, mas orientado em sentido contínuo é estranho à antiguidade e às civilizações não cristãs... Êsse movimento dirigido da História vai de um impulso profundo, contínuo, para um impulso melhor, embora vicissitudes diversas lhe compliquem o curso, êsse é um movimento de libertação do homem" (23).

Na busca dêsse caminho aberto para a construção da História, há dois polos que se deve levar em conta: a revelação e a realidade. São dois tipos de sinais, através dos quais, Deus se comunica com os homens e espera uma resposta. Apenas, uma resposta concreta não é a única possível.

Vale a pena lembrar o papel dos grupos dentro de um pluralismo ideológico. De passagem, pode-se dizer que há grupos que, apesar de não terem claro o melhor caminho, tentam um diálogo, para conseguir uma síntese entre a nova situação, a nova sociedade e sua posição de cristão. São pessoas angustiadas que procuram agrupar-se para encontrar um novo tipo de síntese entre Igreja e temporal. Sente-se, também, que a planificação para que marcha o mundo dá a êstes grupos um novo aspecto, um novo dinamismo.

#### COLOCAÇÕES FINAIS

- \* 1. No Brasil, assim como no mundo inteiro, o cristão vive em uma sociedade que se pode chamar de pluralista.
2. Nesse novo tipo de sociedade, o cristão tem que estar presente. Sua presença é uma exigência da caridade e, de certa forma, um imperativo do próprio Evangelho.
- 217 3. Presente em um mundo pluralista, como a sociedade brasileira, o cristão tem que trabalhar para a construção de uma nova sociedade; uma sociedade mais humana e de inspiração cristã.
- \* 4. Como cristãos, não temos o direito de querer construir, conscientemente ou não, uma nova cristandade, semelhante à da Idade Média. É preciso ter bem presente que a construção do mundo não pode ser assumida só pelos cristãos e aqui, diria mais, só pelos católicos. Trabalhando em união com todos, sem perder de vista os princípios cristãos, os princípios evangélicos, é que poderemos construir uma nova sociedade, baseada em princípios cristãos.

REFERÊNCIAS

1. Pastoral Coletiva do Episcopado de Tanganika - Problemas levantados por uma sociedade pluralista.
2. João XXIII, *Pacem in terris*, Edit.Vozes, Petrópolis, § 89.
3. Sto.Tomás de Aquino - *Summa Theológica* I, 29, 3.
4. João XXIII, *idem*, § 10.
5. Jean Mouroux, *Vocação Cristã do Homem*, Flamboyant, pág. 109.
6. João XXIII, *doc.cit.* § 25.
7. Siegel e outros, *Aculturação: uma formulação exploratória*, Washington, dezembro 1954. Trabalho publicado na apostila de Textos de Etnologia do Instituto de Ciências Sociais da U.B., págs. 99-100.
8. Cardeal Suenens, *Comentário da Encíclica Pacem in terris*, na ONU, a 13 de maio de 1963.
9. Yves M.J. Congar, *Si vous êtes mes témoins*, Editions du Cerf, 2ª edição, 1959, pág. 76.
10. *Idem idem*, pág. 77.
11. *Idem, idem*, págs. 78-79.
12. *Idem, idem*, págs. 73-74
13. *Idem, idem*, pág. 81.
14. Karl Rahner, *Mission et Grâce - XXème Siècle, Siècle de Grâce?* MAME, 2ª ed. 1962, pág. 43.
15. Discurso de S.S. o Papa Paulo VI, ao inaugurar a 2ª Sessão do Concílio Vaticano II, *Concílio em Foco*, n.ºs 1 e 2, Boletim do Secretariado Nacional de Opinião Pública da CNBB, pág. 20.
16. *Idem idem*, pág. 20.
17. *Idem idem idem*, pág. 23.
18. Karl Rahner, *op.cit.* pág. 80.
19. São Paulo, *Atos dos Apóstolos*, 17-23.
20. Cardeal Suenens, *Comentário da Encíclica Pacem in terris*, na ONU, a 13 de maio de 1963.
21. João XXIII, *doc.cit.*, § 158.
22. Emmanuel Mounier, *Sombras de Mêdo Sobre o Século XX*, Agir, Rio, 1958, pág. 112.
23. *Idem idem*, pág. 110,111.